

Do presencial ao digital: a adaptação comunicacional das igrejas evangélicas durante a pandemia da Covid19¹

Murilo Ferreira Santos Silva²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Resumo

Este trabalho busca analisar parte das adaptações tecnológicas usadas pelas igrejas evangélicas, com o foco na Igreja do Nazareno Central de Mossoró/RN, no período de 2020 e 2021 em decorrência da pandemia da Covid19. Observando como a comunicação interna e externa da igreja abordada e administra essas mudanças e continuaram seus cultos dominicais. Esta pesquisa foca-se no uso, ou falta dele, das técnicas cinematográficas em duas transmissões, fazendo assim uma análise desse conteúdo com base nos estudos de Robert Yin (2016), usando autores como Aumont (1995), Kellison (2007), Martin (2011) e Dancuger (2007) para uma abordagem aos aspectos audiovisuais inseridos em cada produção. Percebendo assim, a mudança e potencialização comunicacional ocorrida nas igrejas durante o período pandêmico.

Palavra-chave: Igreja, digital, mediação, comunicação.

Introdução

Diante da situação em que o mundo viveu com a pandemia provocada pela Covid19, deixando a sociedade acuada sem saber qual seria o momento em que tudo voltaria ao normal, pôde se perceber uma mudança significativa na forma de conexão digital que compõe os grupos que formam sociedade. A falta de recursos próprios para enfrentar as adversidades do dia a dia, como pedir comida por aplicativo, se manter no trabalho *home office* e o próprio estudo dos filhos através de plataforma digitais, mostrou o quão adaptável o nosso país era em meio a uma crise generalizada. Conseguimos ver como a necessidade de se manter conectado com as pessoas de seu ciclo social, seja no trabalho, amigos, família e até mesmo locais religiosos, fez com que as pessoas não ambientadas com as redes sociais e ambientes digitais, passassem a se especializar e viver de fato em uma cibercultura (Lévy, 2011, p.22).

Esta pesquisa terá um cunho qualitativo, com base nos estudos de Yin (2016), com a análise de conteúdo, observando através de recortes das publicações em vídeo de

1 Trabalho apresentado no GP 07 Comunicação e Religiões, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Mestre em Ciências Sociais e Humanas, professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: murilofsantos@gmail.com.

duas transmissões, a diferenciação dos seus aspectos cinematográficos e como isso potencializou a compreensão do seu conteúdo. O corpus escolhido foram os cultos realizados antes e durante a pandemia, da Igreja do Nazareno Central de Mossoró, tendo em vista que é uma das maiores denominações evangélicas da cidade em que o autor do artigo mora, e que os dados para a análise continuam disponíveis ao público no canal do youtube da denominação.

Em uma análise comparativa dos vídeos “Culto de Adoração – Transmissão ao Vivo” (2020) e “Ouvindo o que Deus fala Conosco – Prª Karllas Lins” (2021), será elencado os elementos filmicos que ajudam e corroboram com a compreensão da mensagem de fé passada. De igual modo como os ruídos de execução, montagem amadora e profissional, padronização do uso das cores e formas, podem mudar um ambiente mesmo com formas semelhantes. Este trabalho se baseará em autores, anteriormente citados, que estudam o cinema e sua construção, para interpretar os dados contidos nas duas produções.

Covid19 e a adaptação ao digital

No início de 2020 a pandemia da Covid19 se instaurou em todo mundo. Decretos governamentais brasileiros tentavam conter a população em casa como forma de prevenção à disseminação do vírus, colocando toda uma geração em um lugar que ainda não tinha sido vivido, um ambiente de tensão coletiva, como um momento de guerra. Em meio a tudo isso, os esforços para superar esse momento fez com que formas de ligações e conexões entre as pessoas fossem afloradas e o significado de sociedade ganhou, talvez, uma nova camada, com a expansão nítida da barreira real/virtual, redefinindo “a maneira como produzimos e consumimos conhecimento” (Lévy, 2022, p.47) entrando de fato na era digital. Isso se deu pois:

O sofrimento, catástrofes e/ou crises ambientais (entre outras situações) não tem impacto apenas local, mas também implicações em escala global. Inclusive podendo ser acompanhado por diferentes pessoas e povos mundialmente, por meios das novas tecnologias digitais (Oliveira, 2020, p.259).

Fazendo com que as barreiras territoriais fossem aumentadas virtualmente, já que todos dialogavam com a dor coletivamente. Os territórios imaginários passavam a ser cada vez mais realísticos. A diferenciação agora seria como esse enlace estava se desenvolvendo, pois “durante a maior parte da história humana, a maioria das formas de interação social foi face a face” (Thompson, 2018, p.33). Apesar de a tecnologia ser amplificada em vários processos no nosso dia a dia, em diferentes níveis sociais, o manuseio de ferramentas como as redes sociais e seus diversos mecanismos, como a videoconferência, eram quase que exclusivo dos jovens e executivos antes de 2020, e que a partir de então seria ampliado drasticamente.

As reuniões empresariais e aulas de escolas primárias até as universidades seriam feitas agora por plataformas como o *Google Meet* e *Zoom*. Os shows superlotados davam espaços para as lives de várias horas transmitidas sobretudo pelo *Youtube*. As conversas entre família e amigos ganharam a chamada de vídeo do *Whatsapp*. O *Instagram* se tornou muito mais do que um quadro de memórias de lugares, pessoas e comidas, passando a ser um diário onde todos compartilhavam um pouco do que estava vivendo diariamente na pandemia. Thompson (2018, 9.35) relata que o celular dá a cada pessoa “a capacidade de fotografar ou filmar um indivíduo, ação ou evento e disponibilizar o registro, mais ou menos instantaneamente”, tornando-as automaticamente produtores de conteúdo.

Em paralelo a todo esse avanço do uso das tecnologias na sociabilidade brasileira, uma área significativa que precisou se reinventar para poder continuar a existindo na vida dos seus coparticipantes, foram grupos religiosos.

Em busca de mudanças e adequações neste tempo de pandemia, as religiões, por meio do arcabouço e dinâmica própria de cada uma, assumiram vultuosa intensidade no ciberespaço por meio das tecnologias, gerando uma enorme pandemia de transmissões religiosas: doutrinas, ritos, valores, celebrações, estudos, comunicações. (Stephanini; Brotto, 2021, p.71)

As diversas religiões potencializaram significativamente sua abrangência tecnológica em busca da sobrevivência de suas estruturas físicas, imaginárias e pessoais. Esse movimento fez com que fosse perceptível a confissão de fé por meio das redes sociais dos fiéis. Dessa forma, “instituições religiosas se reinventarem e adentrarem [...]

no mundo digital” (Rodrigues;Schubert, 2021, p.230) fazendo com que novas formas de se realizar celebrações coletivas surgissem.

A Igreja Evangélica Brasileira e as mídias tradicionais/digitais

Desde o século 20 as igrejas evangélicas brasileiras ingressaram em diversos meios de comunicação a fim de propagar o evangelho e angariar mais fiéis para suas denominações. Apesar do seu principal símbolo, a bíblia sagrada, ser uma plataforma de informação, novos caminhos para levar a “palavra de Deus” deveriam ser usados para conseguir o objetivo pretendido. Com isso, igrejas pentecostais³ e neopentecostais são as principais responsáveis pelo domínio religioso evangélico midiático dos últimos 40 anos. Os espaços em TV e rádio são comprados pelas denominações, que em seguida são responsáveis de produzir o conteúdo exibido, fazendo com que as empresas locatárias se isentem da mensagem transmitida.

As igrejas evangélicas vinham numa crescente tecnológica, no que tange o âmbito comunicacional. As transmissões em seus cultos, divulgações de seus congressos, digitalização de seus meios de comunicação institucional, era algo que já poderia ser visto nos templos, não só do Brasil, mas em boa parte do mundo. Analisando os programas feitos até o início de 2020, conseguimos perceber que a condução dessas transmissões televisivas tinham como intuito principal levar as pessoas que estão em casa, para o templo. Os cultos televisionados sempre foram um aporte ao culto presencial. Molochenco (2021, p.187) fala que “desde os primórdios do cristianismo a comunhão é algo essencial ao corpo de Cristo⁴. [...] A interação por meios digitais não supre essa necessidade”. Enfatizando assim a não aceitação ao culto doméstico/coletivo por mediação digital antes da pandemia.

A ideia cristã de comunhão vem sobretudo dos versículos bíblicos do livro de Romanos, onde fala que:

assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro

3A se diferenciar pentecostais, neopentecostais, reformados, carismáticos, entre tantas outras denominações.

4A expressão corpo de Cristo refere-se aqueles que professam a fé em Jesus Cristo e agora são considerados filhos de Deus, sendo membro de uma mesma comunidade, de uma igreja geral.

está ligado a todos os outros. Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. (ROMANOS, p.12).

Formando uma coligação entre os “membros” de forma, principalmente, presencial. Contudo, partir de março de 2020 o Brasil começa a entrar de fato no isolamento social, onde templos foram fechados em detrimento das recomendações sanitárias, fazendo com que os fiéis comessem a usar efetivamente as plataformas digitais. Conseguimos ver nesse ponto que “paradigmas religiosos cristãos foram quebrados, em função do período de excepcionalidade que se instalou na sociedade” (Stephanini; Brotto, 2021, p.69), fazendo com que novas experiências e formas de se propagar o evangelho surgissem. “O trabalho com redes sociais ganhou um novo apelo durante este período: deixou de ser uma ferramenta complementar à igreja e passou a ser algo essencial” (Rodrigues; Schubert, 2021, p.229).

O que antes era tido como um suporte ao o culto, se tornava um mediador entre as ações litúrgicas e as pessoas, como aborda Salcedo (2016, p.19) quando diz que esses dispositivos culturais atuam “de diferentes modos com a finalidade de criar uma inter-relação da comunicação ou da materialidade das ações em relação à sociedade”. A transmissão via *Youtube*, *Instagram* ou *Facebook* se tornaram de suma importância, pois sem elas as pessoas não conseguiriam manter uma constância regular nas programações de suas igrejas locais. O culto online faria um paralelo ao culto feito no primeiro século, onde os cristãos se reuniam em casas para falar dos mandamentos de Jesus, ao mesmo tempo que fugiam de um perigo eminente, Roma, e agora representado pela covid19. “A midiatização, assim altera o processo social de experiência da fé” (Junior; Ferreira, 2020, p.03) levando os fiéis a um outro tipo de vivência.

O que antes era focado na exposição da palavra e louvores, precisaria a partir de então, de um aparato técnico para a execução e mediação. O que antes era feito apenas por denominações milionárias, agora seria reproduzido pela igreja da periferia com um celular conectado à internet, pois “qualquer pessoa com um smartphone tem a capacidade de tornar as coisas visíveis para centenas ou até milhões de pessoas de formas que antes não eram possíveis” (Thompson, 2018, p.35), fazendo com que agora a pregação dos interiores brasileiros pudessem ser acessadas do outro lado do mundo.

Digitalização do Culto – a reconexão da congregação e seus fiéis

Dentro desse esse recorte temporal e tecnológico, temos como objeto de estudo a Igreja do Nazareno Central de Mossoró/RN, que possui um templo com capacidade de até 650 pessoas, com iluminação, cenografia e som projetados para o ambiente presencial. Pelo porte da congregação poderia imaginar-se que o domínio da comunicação interna e externa já estivesse pronto no momento em que foi instaurado o decreto para fechamento de templos religiosos. Contudo, não foi isso que pôde ser observado em suas transmissões antes do período pandêmico. Analisando a transmissão que precede a exigência de cultos online, podemos perceber alguns fatores.



Figura 1: Plano geral transmissão da INCM



Figura 2: Plano Americano transmissão da INCM

O primeiro deles é a exemplificação do uso da comunicação externa/paralela para a igreja local. Durante a transmissão do primeiro culto aqui exposto, bem como nos anteriores a ele, podemos perceber que a captação das imagens é feita apenas com uma câmera que faz desde o plano geral, englobando boa parte das pessoas que estão nas cadeiras e também no tablado, passando para o plano americano, focando no pregador. De acordo com Kellison (2007, p.194) as “cores, iluminação, cenário, elementos cenográficos e a posição da câmera, tudo contribui para a composição da cena”, em que nesse primeiro culto, exemplificavam um aspecto amador e improvisado. No vídeo em que foram retirados os *frames* anteriores há vários momentos de trepidação e desfoque, mostrando a inexperiência do manuseio do equipamento, ou talvez a falta de um suporte adequado para o uso.

Esse tipo de imagem, compreendendo os planos e cortes, coloca o espectador não como alguém também participante da celebração, mas uma pessoa que está em segundo plano, observando o que está acontecendo no presencial. Pode-se entender que

não houve uma direção geral focada da imagem filmica e nos elementos cinematográficos para a composição de cena e entrega para o espectador, como aborda Martin (2011, p.22) a “imagem filmica suscita, portanto, no espectador, um sentimento de realidade bastante forte, em certos casos, para induzir à crença na existência objetiva do que aparece na tela”, desfavorecendo assim a imersão do fiel ao culto ao vivo.

O uso das cores utilizadas (Heller, 2013), a ornamentação escolhida para o altar, até mesmo as roupas dos integrantes do grupo de louvor e pregadora estão em harmonia, para o local físico, deve-se observar isso. A luz é usada de forma simples sem muito efeito e a variação de uma imagem para outra, até mesmo no foco e desfoco, provoca ao público que assiste um certo desconforto e ruído, pelos erros de execução e transmissão. Pois, “a textura estética, o planejamento e o ‘visual’ de uma produção são elementos essenciais de todo projeto. Desde a criação de sets elaborados até a simples reorganização de móveis” (Kellison, 2007, p.167) fazendo com que todos os elementos sejam igualmente importantes, tendo em vista que eles também fazem parte da mensagem emitida. Percebe-se então que na imagem e vídeo do primeiro culto, há um despreparo técnico para essa construção audiovisual, que engloba muito mais do que simplesmente ligar uma câmera e um transmissor online. Com esse cuidado o público poderia sentir-se participante e não vendo uma janela do que está acontecendo.

No segundo vídeo aqui abordado, já no momento pandêmico, a visão tecnicista e até mesmo cinematográfica da igreja retratada mudou. As imagens, e todos os seus elementos, agora criados não unicamente para o fiel que estava presencialmente, mas de igual forma para aquele que se mantinha online, expunha um esforço maior em alcançar pessoa que estava virtualmente. “A imagem filmica proporciona, portanto, uma reprodução do real cujo realismo aparente é, na verdade, dinamizado pela visão artística do diretor”. (Martin, 2011, p. 25), que nesse caso possibilitou a mudança.



Figura 3: Plano geral transmissão da INCM



Figura 4: transmissão da INCM

O que antes era tido como um aporte ao que já estava sendo apresentado, passou a ser pensado como um dos fatores importantes para a liturgia do culto. Observa-se que as cores mudaram, em decorrente de uma possível melhora e adaptação ao momento digital, dirigindo-se para uma padronização ainda mais harmonizada do que pode ser visto no primeiro culto. Os planos e suas variações construíram uma montagem dinâmica para o espectador virtual. Tendo em vista que a “A montagem é o princípio que rege a organização de elementos fílmicos visuais, sonoros, ou de agrupamentos de tais elementos” (Aumont, 2009, p.62), o segundo culto oferece mais imersão na imagem, e expõe um maior número de técnicas cinematográficas em sua composição.

As luzes passaram a ter um local mais ativo no vídeo, bem como seus posicionamentos e significados, pois “as variações em luz e cor de plano para plano podem quebrar a continuidade” (Dancyger, 2007, p.408) atraindo e fixando a atenção do espectador ao vídeo. Os objetos no cenário tornaram-se não apenas figurativos mas representativos. Nas primeiras imagens podemos ver o telão que antes era usado apenas como exibidor de letras e avisos, passando a ser parte ativa do ambiente, reproduzindo vídeos e imagens enquanto o culto acontece. O enquadramento, a forma de posicionamento dos músicos, até mesmo a roupa da pregadora dialogam e formam uma narrativa mostrando parte da identidade visual da própria igreja. Pois, “a imagem constitui o elemento de base da linguagem cinematográfica”. (Martin, 2011, p. 21) e essas imagens representariam cinematograficamente o que a INCM se tornara.

O uso da cinematografia está inserido na segunda transmissão de forma visível. Desde o seu cenário projetado para o enquadramento correto da câmera, onde houve o preenchimento total da plataforma do altar, até mesmo os vídeos e letras que passam no telão combinando com a tonalidade da luz emitida por refletores traseiros, passando pelas roupas azuis, e *lettering* da transmissão. Contrapondo com o primeiro culto, a pregadora agora dialoga com o cenário é preto e sóbrio, valorizando os pontos de luz do vídeo, como sua pele, rosto, telão e palavra bíblica projetada.

Conclusão

A pandemia mudou as estruturas da sociedade nos anos de 2020 a 2022, fazendo com que mudanças tecnológicas acontecessem de forma mais rápida e visível. Nesse contexto, para se fazerem presentes nos lares dos seus fiéis, as igrejas evangélicas foram

obrigadas a se modernizar e conceber a ideia de cultos online. Percebe-se que “essa pandemia alterará profundamente o modo de convivência pública das pessoas” (Oliveira, 2020, p.262), mudando a forma de se pensar a liturgia da celebração.

No primeiro culto pode-se perceber um foco no presencial quase que de forma exclusivista. Apesar de a transmissão ter sido feita ao vivo, poderia ser entendida como um vídeo recordação de algo que aconteceu. Os elementos audiovisuais contidos nela pouco potencializam a experiência do público, colocando-o em terceiro plano. Já no segundo exemplo aqui abordado, o uso da cinematografia foi percebido de forma mais eficaz, onde os elementos físicos e de linguagem formam uma imagem representativa a convidativa. O fiel agora pode se sentir participante do culto, não apenas um espectador, pois os elementos montados e a forma de se dialogar com a câmera pelos próprios personagens (pregadora e grupo de louvor), passam a ser convidativos à proximidade. Deve-se destacar ainda que há um trabalho mútuo de comunicação digital e comunicação presencial, onde ambas as linguagens passam a ser importantes, e nenhuma sobrepõe a outra, como no primeiro exemplo.

BIBLIOGRAFIA

- AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Papirus Editora. Campinas SP. 1995.
- DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo**. Corpus. Rio de Janeiro. 2007.
- FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, PAULA G. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2016.
- FUCHS, Christian. **Vida e comunicação cotidiana no capitalismo da coronavírus**. Matriz. São paulo. 2020.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- JUNIOR, Carlos. B. A da Silva; FERREIRA, V. Diniz. **A midiaticização da fé nas Dioceses do Brasil, no Regional Nordeste V, em meio ao distanciamento social durante a pandemia do COVID-19**. Midiaticom. São leopoldino, RS. 2020.
- JÚNIOR, P. J. dos Santos; SANTO, M. L do Espírito; SANTOS, S. D. Gonçalves. **O exercício da fé pentecostal em tempos de crise: reflexão a partir da pandemia da covid-19**. Revista Transformar. 2020.

KELLISON, Cathrine. **Produção e Direção para TV e Vídeo**. Rio de Janeiro. Elsevier. 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

MARCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas/ SP. Papius Editora. 2006.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Editora Brasiliense. São Paulo. 2011.

MOLOCHENCO, Madalena. **Mudanças e tempo de pandemia: é preciso mudar para continuar sendo**. Faesp. 2021.

MOSSORÓ, Igreja do Nazareno. **Culto de Adoração – Transmissão ao Vivo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dal8MqH9RRM>>. Acesso em 05 de Ago. de 2021.

MOSSORÓ, Igreja do Nazareno. **Ouvindo o que Deus fala Conosco – Pr^a Karllas Lins**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P6cypa5YTgY>>. Acesso em 05 de Agos. de 2021.

OLIVEIRA, Márcio Divino de. **Cuidado pastoral da Igreja em tempos de pandemia: Civid-19**. Revista Caminhando v.25. 2020.

RODRIGUES, Fabio A. K; SCHUBERT, Cláudio. **Estudo da comunicação digital das igrejas cristãs com seus fiéis durante a pandemia de coronavírus covid-19**. Org. Oswaldo H. A. Junior. Ponta Grossa, PR. Atena, 2021.

SALCEDO, Diego Andres. **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

STEPHANINI, Valdir; BROTTTO, J.C.de Paula. **A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos tempos para as casas e para as mídias**. PLURA, vol.12. 2021.

TAVARES, Marta D.Moreira. **A comunicação na cultura – A internet como ferramenta da comunicação cultural na captação de públicos nas companhias profissionais de teatro independente**. FLUP. Porto, Portugal. 2015.

THOMPSON, John B. **A interação mediada na era digital**. Matriz, São Paulo. 2018.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.